

Dossiê

Memórias escolares

Apresentação

Escolas esculpidas pela memória: fontes para a autoformação e a pesquisa

“Uma das primeiras providências que ela tomou em Juiz de Fora (MG) foi fazer-me voltar ao Colégio Andrès. Por pouco tempo. Não sei bem o que houve entre as professoras e minha Mãe, porque esta, apenas vagamente e uma única vez, referiu-se ao fato. Penso que ela se atrasara no pagamento das mensalidades e logo as Andrès demonstraram má vontade e puseram empecilhos à minha continuidade no seu externato. Nunca lhes quis mal por isso. Elas ficaram dentro em mim resguardadas pelas primeiras impressões do colégio e pelas doces lembranças da sala de jantar onde aprendi a ler, do grande relógio batendo o carrilhão do meio-dia, da palmatória simbólica, da tinta roxa, das letras caligráficas, das cartilhas com Eva, Ivo, ave, uva, vovô ... '*Certains souvenirs sont comme des amis communs, ils savent faire des reconciliations*'... Eu não tinha lido essa frase de *Le Côté de Guermantes*, mas o sentimento já estava em mim e me fazia visitar as professoras sempre que ia a Juiz de Fora e, depois que elas morreram, ir passear a pé na Rua de Santo Antonio, só para passar diante do velho chalé. Assim até há poucos anos, até aquela manhã em que já não achei o prédio e só o tapume de uma nova construção. O colégio foi reerguer suas paredes dentro de mim, como outras casas reconstruídas na minha cidade imaginária.” (NAVA, 2000, p. 49-50)

“Não lembro dos coleguinhas, mas lembro das aulas de tabuada, Geografia e eu gostava muito de História, como até hoje; não tenho estudo nenhum, como eu disse para você, mas adoro História; não guardo as coisas mas gosto de ler. Tinha notas boas em tudo, mas minhas melhores notas eram

sempre em História. Quando não passei para o quarto ano foi por causa da Aritmética: eu chorei tanto quando soube que precisaram me levar para a sala do Diretor. Na aula de composição me lembro que a professora contava uma história, e eu, que gosto de escrever, ela mandava recompor no quadro. As professoras eram muito boas, não castigavam.” (Lembranças de D. Alice. In: BOSI, 1987, p. 54)

As narrativas tecidas para contar a própria vida demonstram o quanto a passagem pela escola é constitutiva da biografia das pessoas, como ocorre nesses dois fragmentos de lembranças - um produzido por meio da escrita memorialística e o outro, pelo depoimento oral. Convido, portanto, os leitores e as leitoras do dossiê “Memórias escolares” para descobrir e/ou revisitar memórias de vivências no mundo escolar.

Como artefatos literários, ou produzidas como recursos metodológicos para pesquisas, as histórias de vida – quer sejam biográficas quer autobiográficas – delineiam a escola como espaço da memória e possibilitam incorporar as experiências de aluno(a)s e professor(a)s como fonte para a produção de conhecimentos sobre múltiplos aspectos da instituição escolar e da profissão docente.

Desde os anos 1990, num movimento contínuo e crescente, as pesquisas educacionais e as práticas de formação de professores enfatizam a dimensão subjetiva do trabalho docente. Entretanto, tal fenômeno não é específico da área da educação e deve ser compreendido na perspectiva de questionamento das concepções vigentes e de produção de novos paradigmas para as ciências sociais que marcou o final do século passado.

Nas investigações sobre a profissão docente, desde os trabalhos seminiais de Tardiff (1991; 2002) e Gauthier (1998), a operacionalização da categoria “saberes docentes” possibilita perceber que a formação inicial e continuada de professores, assim como as práticas docentes, não pode estar dissociada das reflexões sobre as experiências biográficas dos sujeitos. Na prática de seu ofício, os professores mobilizam seus saberes docentes formados por uma “amalgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional, dos saberes das disciplinas, dos currículos e da experiência” (TARDIFF; LESSARD; LAHAYE, 1991, p. 218).

Os saberes experiências, destacados pelos autores na configuração da identidade e da autonomia profissional, são construídos e desenvolvidos pelo(a) professor(a) na sua prática cotidiana e promovem também a articu-

lação e a reorganização dos outros saberes. Esses saberes constituem “a cultura docente em ação”, pois “formam um conjunto de representações a partir das quais os(as) professores(as) interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões” (TARDIFF; LESSARD; LAHAYE, 1991, p. 227-228).

Esse conjunto de representações dos professores sobre seu ofício começa a ser construído muito antes do ingresso nos cursos de licenciatura. Por meio de nossas vivências como aluno(a)s nas instituições escolares ao longo de mais de uma década, delineamos determinadas concepções sobre o “ser professor” e sobre a escola, que muitas vezes são decisivas na escolha profissional e marcam profundamente o exercício da prática docente.

Compreende-se, assim, a formação do professor como um processo que se insere numa dimensão temporal e biográfica, abrangendo desde as vivências nas instituições escolares e nos cursos de habilitação até as experiências que compõem a trajetória profissional.

Agenciar memórias, histórias de vida, autobiografias emerge, assim, como estratégias de produção de situações de aprendizagens que desenvolvo em um curso de formação de professores de História, com o objetivo de estimular a escrita de si como exercício de autoconstrução do sujeito que narra a si mesmo no tempo (FOUCAULT, 1992). A leitura de obras literárias de escrita da memória, a produção contínua de textos autobiográficos e a escrita de diários de aula (ZABALZA, 2004) durante o estágio docente constituem alguns exemplos dessas experiências de autoformação que estimulam a “reflexividade crítica” acerca dos percursos de vida (NÓVOA, 1988).

Inscrevo, portanto, meu trabalho na nova epistemologia da formação teorizada por muitos autores – Antonio Nóvoa (1998, 1995), Pierre Dominicé (2006), Maria-Christine Josso (2004), Christine Delory-Momberguer (2008, 2011), Belmira Oliveira Bueno (2002), Maria da Conceição Passgui e Elizeu Clementino de Souza (2011), entre outros – que compartilham a ideia de que o método biográfico constitui tanto um instrumento de formação quanto um instrumento de investigação.

Nessa perspectiva, os artigos que compõem este Dossiê representam linhas de pesquisas férteis em vários campos do conhecimento que se entrecruzam com a educação.

No artigo “Revisitando *O Livro da Lili*: uma cartilha eficiente que combinava métodos de alfabetização”, as autoras Stella Maris Bortoni-Ricardo e Vera Aparecida de Lucas Freitas incorporam suas próprias memórias escolares

acerca das experiências de alfabetização vivenciadas na década de 1950, em Minas Gerais, como fonte para análise do trabalho pedagógico proposto na cartilha *O Livro de Lili*. Considerações teóricas sobre processos de alfabetização e a contextualização histórica da educação no período aliam-se ao testemunho pessoal para justificar a avaliação positiva do método configurado na cartilha.

Miliana Mariano da Silva investiga, no artigo “Ficção e memória escolar”, o processo de criação literária das memórias de Raul Pompéia e Cora Coralina e advoga o uso das obras *O Ateneu* e *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* como fonte para a construção da história da educação no Brasil. Da análise da escrita da memória, que compreende também percursos de leitura de outros autores que estudaram essas obras, emergem os espaços escolares, os rituais cotidianos, as práticas pedagógicas, as relações estabelecidas entre os colegas e com os professore(a)s, reconstruídos por meio de lembranças que representam não apenas as experiências individuais do sujeito que rememora, mas também as vivências coletivas de gerações que estudaram nas escolas no final do século XIX e início do século XX.

No artigo “Escola: uma tatuagem nas memórias”, Ilse Leone de Oliveira se apropria dos pressupostos da Análise do Discurso da linha francesa para tecer uma interpretação sobre as memórias escolares inscritas em narrativas autobiográficas literárias de Cora Coralina e José Lins do Rego e na produção escolar de uma aluna, que integra o conjunto de dados da pesquisa que a autora desenvolve em seu doutorado. Os fragmentos de memória são transcritos no artigo e a figura da tatuagem é utilizada porque, segundo Oliveira, “em cada um dos fragmentos citados, os enunciados vão pigmentando as memórias com emoções de diversas tonalidades, compondo em imagens as evocações dos autores”. De forma coerente com a perspectiva teórica adotada, a análise dos discursos autobiográficos combina com a investigação das condições sócio-históricas que permitiram a emergência de tais enunciados, que, produzidos no passado e no presente, são objetos do que a autora denomina de “arquivos das memórias escolares”.

Textos autobiográficos em prosa e verso constituem também as fontes escolhidas por Vera Maria Tietzmann Silva para, no artigo “Memórias da escola”, abordar as reminiscências escolares produzidas por meio de textos literários de um conjunto diversificado de autore(a)s nacionais e estrangeiro(a)s. O panorama da escrita da memória traçado pela autora inspira outras investigações e contribui para guiar pesquisadore(a)s que desejam esmiuçar memórias escolares produzidas em múltiplos tempos e espaços.

As resenhas deste número da revista *Polyphonia* apresentam livros, escritos por professores e recentemente publicados, de memórias do tempo da escola, e nos convidam a leitura, por meio do olhar atento e sensível às singularidades das obras.

Ilse Leone de Oliveira, ao resenhar o livro “Abrindo o baú de memórias”, de Vera Maria Tietzmann Silva, inscreve sua voz ao fluxo de memórias desencadeado pela abertura do baú e narra suas lembranças do tempo em que a autora foi sua professora no curso de graduação, além de permitir ao leitor antever o Colégio São José, de São Leopoldo (RS), tal como foi delineado pelo processo rememorador construído pela narrativa memorialística.

A resenha elaborada por Silvana Matias Freire sobre o livro “Mágoas da Escola”, escrito por Daniel Pennac, ratifica a ideia de que a escrita memorialística instiga o(a) leitor(a) a compartilhar experiências – no caso, aquelas construídas no ofício do professor. As dolorosas e amargas recordações da infância e das vivências na escola são também fios condutores para o autor registrar suas práticas pedagógicas, exemplificando, nas considerações teóricas acima mencionadas, como os saberes docentes são indissociáveis das trajetórias biográficas.

O depoimento do professor José Carlos Libâneo, produzido por meio da entrevista realizada pela professora Deise Nanci de Castro Mesquita, constitui importante fonte para pesquisadore(a)s interessado(a)s em investigar a história da educação, das ideias pedagógicas e da profissão docente, ou, ainda, em construir biografias dos educadores contemporâneos.

Ao longo do dossiê “Memórias escolares”, os itinerários de leitura e de interpretação da escrita memorialística e autobiográfica percorridos pelas autoras dos artigos e resenhas inspiram em nós, leitores e leitoras, o desejo de traçar nossos próprios caminhos para explorar as obras literárias investigadas ou de um dia também esculpir nossas próprias memórias. Agradeço, portanto, aos editores da revista *Polyphonia*, o privilégio de apresentar e comentar esses textos.

Andréa Ferreira Delgado

Referências

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, abr. 2011.

DOMINICÉ, P. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 345-357, 2006.

FOUCAULT, M. *O que é o autor?* Lisboa: Passagens, 2002.

GAUTHIER, C. *Por uma teoria da pedagogia*. Pesquisas contemporâneas sobre os saberes docentes. Ujuí, RS: Editora Unijuí, 1998.

JOSSO, M-C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

NAVA, P. *Balão Cativo*. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2000.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento dos Recursos Humanos da Saúde, 1988. p. 107-129.

_____. *Vidas de professores* (Org.). Porto: Porto Editora, 1995.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 333-346, abr. 2011.

TARDIFF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 4, p. 215-233, 1991.

ZABALZA, M. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed, 2004.